

**NARRATIVAS DAS TRABALHADORAS E DOS TRABALHADORES NA  
CONSTRUÇÃO DA REABILITAÇÃO TRABALHO E ARTE DE PELOTAS  
(2004-2018)**

Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências. Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Saúde Mental e Coletiva, Processo do Trabalho, Gestão e Educação em Enfermagem e Saúde.

Larissa Dall' Agnol da Silva

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Enf<sup>a</sup>. Valéria Cristina Christello Coimbra

Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Enf<sup>a</sup>. Janaína Quinzen Willrich

O capítulo abaixo refere-se a narrativa da Reni Alvre, resultado deste estudo.

**“FAÇAM COMO A ÁGUA FAZ, A ÁGUA CONTORNA A PEDRA”**

### **5.3.1 Introdução**

Reni é um pouco contida, um tanto reservada, fala devagar com as pessoas e sua clareza demonstra experiência e sabedoria. Reni Alves também é franca na conversa e sempre traz consigo uma frase de positividade provocando reflexões sobre a vida cotidiana. Demonstrou interesse em ser narradora, mesmo sentindo-se envergonhada pela gravação de áudio. De maneira educada respondeu de forma positiva em contribuir para a pesquisa desde a fase inicial, na construção do projeto.

Costureira desde cedo, viu sua vida com dificuldades quando adoeceu, andarihou pelas ruas, como ela mesma conta. Reni se vinculou ao CAPS Zona Norte, onde encontrou com profissionais que foram os facilitadores no período de crises. Na construção de seu Projeto Terapêutico Singular foi encaminhada para a Retrate.

Reni é artesã, pela Retrate, é costureira e já costurou em casa, depois trabalhou com carteira assinada por alguns anos. Atualmente, voltou a trabalhar como autônoma na Retrate, mas aprendeu com as diferentes linhas que perfuram os tecidos ao costurar em outra perspectiva, com prazer e gradativamente, na construção identitária com suas amigas e amigos da Retrate, que como ela considera, uma grande família.

Aos 62 anos, Reni trabalha na Retrate e ao mesmo tempo constrói dentro de si uma relação saudável com a costura. Vivenciando o cotidiano com mais profundidade, ela aprecia boas relações, gosta de costurar em silêncio e pareceu tranquila quando narrou todo seu conhecimento sobre a Retrate. Com seus olhos bem azuis, enquanto falava, olhava-me com profundidade, naquele momento eu pensava como seria difícil conter as emoções durante a nossa conversa.

Figura 1 - Reni Alves sendo entrevistada (2017).



Fonte: Imagem recortada do vídeo apresentado pela Geração POA no XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado em Porto Alegre (2017).

Figura 2 – Reni Alves sendo entrevistada (2017).



Fonte: Imagem recortada do vídeo apresentado pela Geração POA no XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado em Porto Alegre (2017).

Como já havia agendado a entrevista e também conversado com Reni sobre o estudo em Assembleia na Retrate, somente reforcei os objetivos do estudo. Após iniciarmos nossa conversa na sala onde acontece a oficina de reciclagem, lá são confeccionados cadernos de todos tipos de gramaturas. O trabalho na Retrate é uma possibilidade de reconstrução de si, uma superação dos medos e transformar as realidades em arte, de arteiras.

### **5.3.2 Eu tenho que me apresentar? Sou Reni Maria Bohr Alves**

Eu tenho 62 anos e eu hoje trabalho como costureira no Retrate mas já tenho minha profissão desde os 14 anos. Sou casada há 44 anos. Tenho um casal de filhos, três netos. Eu passei por dificuldades, porque tu sabes que a vida é uma luta, mas como eu sou costureira eu faço patchwork, a gente emenda retalhos quando chega uma certa idade. Tem aqueles retalhos que não tem cor, os coloridos e tem os retalhos estampados e assim são os dias da vida da gente, mas a gente emenda tudo que vai se formar um lindo trabalho, que a gente olha depois e aprecia e diz assim: valeu a pena! Hoje eu deposito muita confiança nos meus netos, vivo por eles, sou muito feliz. Eles são estudiosos, trabalham. A minha neta faz trabalhos em biscuit, já ganha os troquinhos dela, enfeita vidros, faz lembrancinhas: é dela. Ela não vive em cima de um celular, não perde o tempo dela na vida com coisas que não são criativas. A minha neta tem 12 anos e tenho um neto de 10, que são da minha filha. Ele já é músico, toca teclado, flauta, faz teoria musical, agora já aprendendo a tocar violino. E eu invisto em cima deles, na medida que eu posso, me sacrificando. Minha neta de

6 anos já tem um violão, já canta e quer ser cantora de ópera. E isso deixa a vó realizada e feliz! Eu peço a Deus que me dê saúde, porque eu sei que um dia o sonho deles é grande. Uma quer ser arquiteta, outro ser cientista, a outra quer ser também na parte da música de faculdade, então eu me sinto uma vó realizada, super feliz. Essa é minha vida, esse é meu viver, o dia-a-dia. Eu não posso pensar em doença, apesar que eu tomo remédio para o resto da minha vida. Preciso ser persistente em tudo! As coisas ruins a gente deixa para trás, a gente tem que pensar daqui pra frente, e não aquilo que passou, isso que é felicidade, entregar tudo nas mãos de Deus, porque ele é acima de tudo! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Bom, o que eu posso dizer é o seguinte: na minha vida passei por momentos muito difíceis, fui para a rua, eu praticamente virei não uma mendiga mas, eu quis fugir de mim. Levantava de noite, o meu marido tinha que levantar, coitado, atrás de mim, **porque me dava um medo, me dava um pânico, um dia até tentei suicídio** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Mesmo com avanços na prevenção e promoção da saúde, o suicídio ainda continua sendo bastante debatido na saúde mental, principalmente em estados como o Rio Grande de Sul. Nosso estado é com maior índice de suicídio no Brasil. De acordo com o Ministério da Saúde, o Brasil obteve um aumento nos casos de suicídio entre jovens e idosos. Esse aumento, resulta em alta de 73% entre os anos de 2000 e 2016, ou seja, de 6.780 para 11.736 casos de suicídio; com a incidência de suicídio entre a população brasileira passando de 4,1 em 100 mil habitantes no ano 2000 para 5,5 em 100 mil habitantes em 2016 (BRASIL, 2017).

De acordo com OMS (2015), o Brasil e outros países assinaram o Plano de Ação em Saúde Mental 2015-2020. O mesmo foi lançado pela OMS/OPAS e teve como objetivo a criação de programas de prevenção, sua principal ação sendo acompanhar anualmente o número de mortes em cada país, no mundo (BRASIL, 2017).

Neste sentido, devemos considerar a importância de programas de prevenção ao suicídio, considerando as fragilidades da pessoa humana. É preciso conciliar as crises, aprender a reconhecer os próprios limites. Neste contexto, o CAPS Zona Norte foi fundamental para que Reni não tivesse indicação de internação: isso potencializou gradativamente a persistência no tratamento para além do medicamentoso.

Fiquei no CAPS Zona Norte há muito tempo, nunca fui baixada no Espírita, mas tive passagens de consultas, e tratamento até hoje tomo remédio e nunca posso parar. **Só digo o seguinte: a pessoa tem que acreditar em si mesma**, a princípio é muito difícil, mas nunca desista! Eu não era assim, por que vou continuar sendo? (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Ao falar sobre suas crises, podemos destacar o que Joel Candau traz como memórias de trauma, representada como uma memória forte, uma interpretação, uma leitura da história das tragédias, marcadas pelo seu passado, através do sofrimento que o indivíduo presenciou, as quais modificam sua personalidade e influenciam diretamente no processo de construção identitária (CANDAU, 2011, p. 151).

Sua memória neste momento, possibilitou reconhecer o aprendizado durante todos estes anos. A forma como a narradora conseguiu compreender seu processo de saúde e doença e tem consciência na importância do seu tratamento medicamentoso, alinhado a seu projeto de vida.

Em momentos de crise a narradora sentia-se como se tivesse perdido a dignidade. Dentro de casa, acabava se isolando. Isolamento social é uma das principais características da depressão. Segundo a OMS (2017), a depressão é considerada a doença do século XXI, atualmente acometendo 10% da população brasileira, equivalente a 350 milhões de pessoas, porém, 4,2% são diagnosticadas (BRASIL, 2017).

Tavares (2010), em seu estudo, caracteriza a depressão como um “mal estar” contemporâneo, pelo aumento de diagnósticos associados as suas variadas classificações referentes à doença, contornando muitas formas de mal estar na atualidade, diretamente ligadas aos contextos vivenciados pelas pessoas.

Me dava crises, ficava dentro de casa, ficava todo o dia de cama, não comia, não bebia, não conseguia dormir, eu me retorcia toda, até hoje eu tomo remédio, efeito prolongado de vinte e quatro horas, por causa desse problema. A gente tem que ser persistente, é difícil, mas cada é um dia, temos que nos olhar no espelho e dizer: **Reni, hoje tu te olha bem nos teus olhos, dentro do espelho e diz assim – não fica em casa, não vai para a cama ou não sai para a rua – porque eu não tomava banho, não escovava dente, nada!** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Para a terapia ocupacional, quando uma pessoa rompe a relação com as atividades básicas de cotidiano, é preciso estar atento, pois indica que será necessário um Projeto Terapêutico Singular (PTS) para acompanhar gradualmente essa reconstrução no dia-dia, dentro das singularidades humanas.

Para tanto, os CAPS da RAPS de Pelotas, ainda não contam com terapeutas ocupacionais para prestar assistência em saúde mental. Faz-se necessária na perspectiva do acompanhamento das pessoas em sofrimento psíquico e a relação com o cotidiano.

Então, eu caí na real um dia pensando “como eu vou seguir assim”? Gente, eu estou no fundo do poço, não tem mais jeito... E uma pessoa me disse assim: – como é que é o fundo do poço? – Eu disse que não sei – então tu tá muito bem, porque tu não chegou lá ainda, se tu tivesse chegado no fundo do poço, tinha se afogado – **Mas como eu estou bem, ainda não me afoguei, então tudo bem, vamos em frente!** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Reni, aos poucos foi retomando a vida. É neste sentido, que a narrativa é o próprio resultado do que consideramos reabilitação, trabalho e arte. Todos os componentes da RAPS representam a transversalidade de sua vida a partir da Retrate. Sensivelmente, tornam-se a tessitura da cortina que será costurada a partir do testemunho de Reni Alves.

A pesquisa mostra que o CAPS, ou, os serviços substitutivos têm papel fundamental para a retomada da vida das pessoas, posteriormente as crises. Depois das mudanças nos modelos de atenção à saúde mental, consideramos que as políticas públicas e a RAPS possuem caráter da reabilitação psicossocial para a depoente.

Sabe-se que o processo de reabilitação psicossocial é singular, construído através dos PTS's. Os mesmos têm por objetivo a humanização do SUS e a construção de uma terapêutica com a pessoa, ou seja, democraticamente construída entre o terapeuta e pessoas em sofrimento psíquico. A partir de sua história de vida, o terapeuta vai aos poucos tecendo uma rede, que são lugares, ruas, pessoas, bairros, cidades e tudo que podemos viver no cotidiano. Na medida em que Reni Alves vai percebendo essa

segurança em si, sente-se pronta para um novo momento, no presente, para o futuro.

**Depois do CAPS Zona Norte, a minha psicóloga me passou para o Retrate, que já é um trabalho de reabilitação** e, como eu sempre fui costureira na minha vida, entrei de novo no serviço da costura, para a máquina de novo, mas estou aí, graças a Deus! Junto com todos os profissionais da saúde do CAPS, quanto médicos, enfermeiras, e as que nos guiam, passam essa “coisa boa” de nos reabilitar em nosso trabalho, em nossas coisas, diferentes até do que eu fazia (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O processo de reabilitação psicossocial neste sentido, refere-se na atenção à crise, toda pessoa deve passar pelo acolhimento e PTS, preconizado pela Política Nacional de Humanização (PNH). Com a estabilidade da crise, no contexto terapêutico serão pensadas, conversadas, criadas estratégias de cuidado, compreensão de si no processo.

Por isso, o processo de inclusão pelo trabalho deve estar em consonância com os projetos de vida que essa pessoa tem ou vai construir no CAPS com seu terapeuta de referência. O desejo da pessoa em retomar o trabalho, deve estar alicerçado ao histórico da pessoa no trabalho, as habilidades que a pessoa considera ao longo da vida e as possibilidades reais de retomada, porque não dizer de construção da memória passada, no que se pretende para o presente ou futuro?!

Eu costurava, eu fazia roupas de festas, hoje faço totalmente o contrário daquilo que eu fazia, faço coisas que eu não sabia fazer! Cada dia é um dia de aprendizagem, estou muito feliz porque a gente tem que sair e procurar ajuda, a gente precisa se ajudar, precisa tomar o remédio regularmente. Quando me disseram “remédio para o resto da vida”, como assim? Eu não quero isso para mim! Mas eu quero sim, porque isso me faz viver, sentir bem, faz eu poder trabalhar, então para mim é ótimo isso aí (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A produção de vida no processo terapêutico, consiste nos aprendizados que só o viver poderá construir. Cada pessoa, caminha na direção de suas escolhas. Para Reni, o uso do medicamento contínuo, foi um abalo, mas nada

lhe fez desistir da vontade de estar viva, sentindo o vento pela janela, olhando as flores e costurando, costurando para reconstrução de si.

Reni Alves, é muito religiosa e em nossas conversas atribui muito a sua fé e as pessoas ao seu redor. Considera que tudo é aprendido, a vida é marcada por dizeres que compõe sua força para seguir em frente.

Cada dia a gente recebe profissionais da saúde, pessoas da pesquisa, a Larissa, para mim, uma pessoa muito importante, quanto aqui agora a Gracia e a Fernanda. A gente fica bem, isso passa, **quando estou em casa planto minhas flores, rego minhas flores, olho se elas já têm um botão, se elas vão florescer, porque nós somos flores, precisamos florescer!** E não ficar um botão aí, como se tivesse alguém beliscado, que nunca chega a florescer ou uma planta que nunca recebe água, murchar e morrer, isso aí não precisa. A morte pertence a Deus e ele sabe o dia (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A narradora, na entrevista, fala sobre a morte como uma passagem de vida e que não podemos ter o controle sobre tal. Depois de muito sofrimento e crises persistentes, ela prefere as flores, os poemas e as canções. Um dos aprendizados é o que ela considera como alimentos para viver o presente.

Eu vou querer morrer só o dia que eu for chamada, **eu preciso dos três alimentos, físico, psicológico e o espiritual, porque todas as pessoas na vida procuram alguma coisa.** É preciso sentir, elas querem pegar, querem tocar, então, eu, na minha vida, Deus como é todo poderoso, eu tenho Ele na minha vida. Faço muita oração, eu me sinto muito bem, se eu tenho um Deus todo poderoso, eu tenho tudo! Que Ele está comigo, Ele é pai, então, para mim, eu tenho tudo! Tenho tudo o que eu preciso, é isso aí que a gente tem que fazer na vida para vencer. Para mim, foi isso aí a saída mais importante (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Reni é o próprio resultado neste estudo, transversalizando a vida, os aprendizados, as escolhas e a sua cultura religiosa marcada aqui com bastante presença e como um dos seus alimentos que a tornam o que é hoje. A espiritualidade, segundo Pinto (2016), é considerada um alicerce para uma construção subjetiva do sentido de sua vida, o que envolve a busca de um



significado e sentido para o adoecimento e sofrimento, buscando compreender a fragilidade humana.

A gente sempre tem pessoas que são negativas, falam coisas negativas, mas eu não me importo mais, eu queria ouvir uma coisa boa e ouço coisa ruim. Então, às vezes, se torna um obstáculo na vida da gente. Parece que, não sei por qual motivo, a gente sempre tem pedras no caminho, aí eu **digo o seguinte: “façam como a água faz, a água contorna a pedra”** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Neste momento, a depoente revela sua dificuldade no que tange aos obstáculos que enfrenta no cotidiano doméstico. Refere-se as pessoas negativas as quais ela convive. Neste momento com expressão de uma pessoa que não desiste e que, como ela mesma diz e intitulou o presente capítulo, existem momentos de abalo emocional, que ela contorna a pedra e reconstrói sua identidade diante desses acontecimentos que marcam esse viver no presente, pensando que a morte é algo que acontece ou vai acontecer em qualquer momento na vida.

A gente precisa se calar, ser amigo de todo mundo, um sorriso no rosto todos os dias, conversa olho no olho, porque tem certas pedras que a gente na consegue tirar do caminho da gente, então temos que contornar, porque nenhum é igual ao outro. Tem que existir o respeito, é isso aí! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Reni Alves, chegou na Retratar encaminhada pelo CAPS Zona Norte, segundo ela pela psicóloga. Sentia-se mais segura e precisava naquele momento de mais autonomia financeira.

Durante a entrevista, a narradora refere-se a Retratar como um lugar que possibilitou seu empoderamento de mulher para a vida, para o mundo, para as relações sociais e porque não dizer para a artesã, tão qualificada e cheia de ideias aos possíveis projetos relacionados a artesanias.

Retrate é uma coisa muito boa, foi pensado como uma ajuda muito grande. A gente não vai ficar a vida inteira dentro de um CAPS, **aqui a gente trabalha, aprende, pode sair de novo, voltar ao serviço da comunidade, no caso**. Podemos em casa, fazer as coisas em casa, pode vender artesanato, como coisas de costura, muita coisa! A gente não é uma pessoa inútil, nunca se torna uma pessoa inútil (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A reabilitação, trabalho e arte propriamente dita por ela, poderia ser uma janela. A vista de uma janela pode ser próxima ou distante, pode ser da janela de casa, da janela da retrate ou da vitrine dela, pode ser a janela do ônibus ou, simplesmente uma janela. Pode ser a janela onde tudo é possível, porque é o modo que se vê, o reflexo do que se vive, do que se quer, do que se deseja, do que se pretende, do que se sonha e de tudo que se acredita para transformar a realidade presente ou a própria humanidade.

Reni, na Retrate, trabalha com a máquina de costura, sentada lado a lado de suas amigas, elas passam o dia em meio à tecidos e linhas. Então, podemos imaginar tecidos e linhas organizadas na sala de costura, onde ali há vidas, lugar cheio de linhas que se enredam, voltam, têm nós, dão voltas, mas fundamentalmente as linhas são frágeis e podem arrebentar na medida em que vamos costurando a si mesmo ou porque não dizer uma cortina para aquela janela, aquela, da máquina de costura!

Suas memórias mais fortes, são narradas quando estava em momento agudo da depressão. Podemos refletir sobre a linha na agulha costurando, no pedalar da máquina, a linha se rompe. Quando ela rompe, existe ainda a possibilidade de emendar e seguir as costuras do cotidiano e porque não dizer, da vida de Reni Alves.

Então nessa identidade entre a narradora e a costura, transversalizam linhas, tesouras e artefatos. Para reconstruímos em metáforas a vida da Reni, é como uma emenda de memórias, recordações e lembranças de representações dos pedacinhos de tecidos que ao longo da própria vida, construiu como roupas para o agasalho, e como uma colcha de retalhos onde você trabalha pontos, formas e linhas.

Reni releva-se com saúde e autonomia, sobretudo, o processo terapêutico lhe permitiu reconstruir ao longo dos últimos dez anos outras possibilidades, leva para casa tudo que na Retrate faz, refazendo sua própria vida, costurando ela

vai tecendo os vínculos na própria comunidade. A narradora trabalha também em casa e tem a sensação de reconhecimento latente, o saber de seu vivido e o presente demonstra essa potência em florescimento.

Desta forma, devemos interrogar sobre o destino da palavra autogestão, que somente a partir de 1968, têm seu sentido etimológico descrito e, que relaciona “a gestão de si mesmo”. Neste sentido, não há registros enciclopédicos anteriores à 1960. A autogestão é oriunda da França, introduzida para marcar a experiência política, econômica e social vivida pela Iugoslávia (NASCIMENTO, 2007).

Em seu percurso vivido, a narradora define a autonomia no processo de trabalho como um percurso a ser construído diante do humanismo. Diante desta, a autogestão é resultado de “[...] *aspirações permanentes do homem em pró da liberdade e da livre criação, pelo domínio das leis objetivas da natureza e da sociedade, por uma vida melhor.*” (NASCIMENTO, 2007)

Eu acho que é nome que significa muita coisa, reabilitação, que bom que a gente tem essa reabilitação, onde a gente pode ir, pode buscar, tem pessoas que nos recebem, nos ensinam, nos ajudam, é muito importante! Eu me sinto hoje uma pessoa mais normal que eu já fui na minha vida. Se a gente está triste? Pega a vassoura e varre, varre, varre [...] Que bonito, está tudo varridinho, aí senta e toma um chimarrão. **Aqui é o meu lugar, onde eu estou e tenho minhas amigas, meus amigos, aqui é uma grande família.** Lá fora a gente não consegue fazer essa amizade como tem aqui. Que muitos até condenam – “já vai correr para lá de novo, o que tem lá tanto de bom?” –, tem! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Neste sentido, percebemos como os valores da economia solidária estão no dia-dia da Retrater. A narradora considera difícil fazer amizades fora deste contexto, mas demonstra como as relações sociais no trabalho tornaram-se uma construção de sua própria vida e identidade social. Nesse cenário, a economia solidária acontece na tessitura das práticas sociais e nos valores que envolvem a ação humana propriamente dita (GUERRA, 2014).

As trocas sociais tornam-se eminentes a partir dos vínculos estabelecidos diante da confiança e da solidariedade, onde estas relações desenvolvem-se no âmbito da economia solidária, permitindo a autonomia individual sem romper o vínculo com o coletivo (CASTANHEIRA, PEREIRA, 2008).

A gente aprende que lá fora também tem coisas boas, aprendemos a ver diferenças nas pessoas. Não no modo de condenar, mas de saber, que tem pessoas que tem onde buscar uma melhoria para o psicológico. Hoje em dia, não tem quem não sofra com problema de depressão, essas coisas assim. Então, tem sempre uma saída (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A narradora em seu discurso mostra sua incessante busca por novos aprendizados. Aprendeu a observar antes de falar, a respeitar as diferenças e que a depressão é uma doença que na contemporaneidade pode ser mais comum e que não é como no século XVIII, neste período as pessoas com sintomas depressivos eram consideradas inúteis, vagabundas, miseráveis entre outros adjetivos pejorativos. Diante da Retraste ela sente-se produtiva, criativa e cheia de alegria para servir aos consumidores.

Como objetivo nós temos feiras, onde a gente vende o que produz. Quando a gente está aqui, a gente sabe que tem condições e vamos em busca. **Temos a Feira do Bem da Terra, Feira do Fórum, fazemos muitas feiras onde estamos felizes, aqui já é uma coisa de geração de renda. Esse serviço aqui é nosso, claro, o material todo é comprado, tudo tem que ser devidamente repartido conforme o preço das coisas, despesas e tudo mais. Eu falo muito, mas eu sou uma pessoa que teve pouco estudo, eu não sei falar na gramática, muitas vezes isso me deixa nervosa, eu não acho palavras que quero dizer** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Reni é parte da Retraste, sua história está transversalizada a partir dela e diante da representação identitária, construída neste local de reabilitação, trabalho e arte. Fala com empoderamento do funcionamento na coletividade, na vida daquelas pessoas que ali produzem seus artesanatos, a maioria delas, já são artesãs ou artesão. A vivência na Retraste é seu maior aprendizado, porque ali, todas e todos sentem esse pertencimento que os transforma internamente e transborda para a vida cotidiana.

Como eu venho do CAPS para cá, a gente se sente, de novo, chegando a aquilo que eu era, eu sou gente! Quando a gente está mal, está ruim, quando a gente quer morrer, a gente parece que não vive mais. O sol não brilha, parece que os dias são sombrios, então, **aqui a gente vê o valor que temos, se encontra com a arte, com o trabalho, com tudo isso que nos é oferecido aqui.** Não nos sentimos inútil, muito útil,

tanto aqui dentro como fora do Retrate. Podemos prestar um serviço, fazer alguma coisa por alguém, pegar algum trabalho, fazer um trabalho terapêutico em casa, uma venda de um trabalho que a gente faz de artesanato, costura, é ótimo! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O valor atribuído pela narradora, é sobretudo a cidadania, é a sua contribuição para a sociedade, o que ela chamou de “ser útil”, o que dignifica a reconstrução de pessoas que viveram momentos de intenso sofrimento psíquico. É como uma janela fechada, que representa para ela, o tempo que passou, um valor já por ela diminuído, talvez menos importante no presente. O tempo do não vivido no passado, pelo tempo do sol nascer, o futuro.

**Bom, eu aqui no Retrate já sou de casa, muita gente me conhece, estou feliz porque me sinto uma pessoa reabilitada,** estou bem, tomando remédio porque eu preciso tomar, mas de saúde estou bem, graças a Deus! Temos os altos e baixos, mas temos que aprender a superar, pois todo mundo tem, médico tem, psicólogo tem, psiquiatra tem, então, o que vou exigir de mim? Eu sou eu, então tenho que exigir de mim mesma. Vou reclamar para quem? Não tenho tristeza, muitas vezes choramos, isso faz parte da vida. (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Sentir-se em casa na Retrate, pode ter uma infinidade de conotações, mas para a artesã, significa sentir-se feliz no presente, com as pessoas que lhe conhecem. Em seu discurso, ela diz que se sente “uma pessoa reabilitada”. Sabe-se que a reabilitação psicossocial compreende um rompimento com modelos manicomialis de instituições que isolam e segregam as pessoas, ferindo os direitos humanos. A reabilitação psicossocial, portanto, caracteriza-se pelo lugar de interlocução que, emerge a partir do viver, de novas cenas que dão significados para a construção de subjetividade e cidadania (COSTA-ROSA, 2000).

Neste sentido, para cada pessoa há uma graduação no processo terapêutico, para cada pessoa o tempo é diferente, podendo ser meses, anos, décadas.

Todo mundo chora, quem não chora, não vive. Já nascemos chorando, então o choro faz parte da vida da gente. É para descarregar aquele peso que nos deixa angustiada, aquele aperto no peito. Para mim, isso aí faz parte da vida, temos que ser persistente! Eu uso muito a palavra persistência, é difícil, mas a gente se encontra com essa palavra (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

De acordo com a Etimologia, a palavra persistência deriva de *persistere* no latim, o prefixo *per* significando “totalmente”, adicionado de *sistere*, que significa “ficar firme, ficar em pé” (ORIGEM DA PALAVRA, 2018). Neste sentido, Reni Alves já havia referido as palavras que servem-lhe como alimento para existência, continuar, acreditar, persistir, prosseguir, tanto fisicamente, como espiritualmente e principalmente psicologicamente. Essa é a construção da identidade da narradora, sempre repleta de saberes populares, e porque não dizer mensagens para viver melhor!? Para viver em busca de si, viver o presente, buscando o encontro consigo, no futuro. Se encontrando com a vida, na vida.

Aqui a gente recebe muita ajuda psicológica, tanto no diálogo, quanto no trabalho que a gente faz. Não existe um melhor que o outro, ficar se cortando um ao outro, aqui é uma grande família. Em muitas famílias é difícil de existir isso aí, porque quando a gente está doente, têm esses problemas, as famílias acham que a gente é louca, mas ninguém é louco, não existe isso! Não existe loucura, existe aceitação, **então, aqui a gente é aceita, vai aprendendo, melhorando e se encontrando na vida!** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O resultado é extenso de aprendizado, porque a Reni Alves conta sua vida na Retraste e conta sobre tolerância, respeito, solidariedade, sobre conviver com as pessoas sobre seus questionamentos diante da loucura, porque afinal quem é a loucura?

Para Foucault (1978), a loucura consiste em conhecimento da alienação, caracterizada no sentido de positividade, quando limitada por doença mental.

A coordenação tem que ser muito bem pensada e muito bem feita, porque o paciente é delicado e, delicados todos nós somos. É uma coisa muito bem organizada, muito bem dividida, muito bem cuidada, eu vejo assim. Na prática a gente recebe muita ajuda, ajuda de visitas, fazem estágio da faculdade, a Larissa vem aqui e na visita, nos dá

muita ajuda e, nossas coordenadoras, nossos médicos, psicólogos. Somos bem orientados, nunca mal orientados, temos que seguir essas instruções que chegamos lá (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Uma organização muito, em geral, muito difícil de ser organizado. No fundo, eu como Reni, acho um trabalho difícil, mas ela é muito bem pensada e muito bem feita, nada nos afeta aqui. Tudo bem pensando e bem organizado, todos os setores aqui (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A gente participa de assembléias, o que pudesse mudar, o seria melhor e sempre da melhor maneira se resolve tudo. **Na assembléia a gente decide** sobre trabalho, sobre feiras que a gente faz, quem vai para a feira, a feira quem faz são os usuários aqui do Retrate, que cuidam as coisas. A gente faz uma feira também na Católica, na Secretaria, então, é uma coisa que todo mundo tem que estar envolvido e se envolver, senão a coisa não funciona (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Para narradora, a memória forte da Retrate são as decisões tomadas coletivamente na Retrate. Demonstra os processos democráticos e discussões realizadas nas assembleias com a participação de todas trabalhadoras e trabalhadores.

Reni, orgulha-se de fazer parte das costureiras da Retrate, parte da família da Retrate. Vive e sente o reconhecimento da Retrate nas feiras de economia solidária. Como na vida, ela gosta de bons arremates, de pontos delicados e quando usar uma linha mais grossa, o acabamento deve ser perfeito, na Retrate os arremates conjecturam criatividade. A narradora, valora seu fazer e conforta-se com elogios que recebe diante de um consumidor.

**Olha, manter o Retrate vivo, sem ajuda financeira é muito difícil.** A gente trabalha e que bom que a gente consegue vender, a gente faz a Feira do Fórum e todo o trabalho é muito admirado. Todo o trabalho que a gente faz é um trabalho caprichado, muito bem feito (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Fazer parte do que é a Retrate no presente, reforça a participação em todo processo traz a realidade constante das necessidades de políticas públicas que deem incentivo financeiro para essas iniciativas que geram renda e vida para as pessoas que integram a Retrate.

As professoras, coordenadoras, exigem um trabalho perfeito e isso é muito bom! Quando a gente acostuma a fazer um trabalho perfeito, sabemos que sempre tem trabalho. **Fora daqui do Retrate a gente faz um trabalho perfeito, em casa todo mundo acha bonito e quer, a gente tem encomendas e faz.** A colaboração de todos! Os que vem aqui que nos dão uma força, do nosso coordenador aqui do Retrate, as professoras e, a união entre os pacientes. Todo mundo junto que fazem a força, a união faz a força (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A multiplicidade das relações sociais, das trocas entre as redes transversalizadas pela assistência, saúde, educação, cultura, cidadania e por que não dizer, a outra economia, aquela solidária!?

A economia solidária local e regional, contrapõe-se ao modelo hegemônico capitalista atual, porém as políticas públicas ainda em construção, possibilitam maior visibilidade para as pessoas nas oficinas de geração de renda, tais como a Retrate.

A presente pesquisa, é uma contribuição para a saúde mental, sobretudo para as iniciativas na geração de trabalho e renda em saúde mental de toda a América Latina. Reconstrói a identidade a partir do encontro com a Retrate.

**São pacientes trabalhadores, que geram renda.** Que CAPS a gente já faz trabalhos manuais, quando a gente vem para cá parece que as portas se abrem, de novo, para o trabalho, para a gente poder, um dia, entrar numa firma, ter, de novo, meu serviço, eu tenho condições! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Pode-se perceber o discurso contraditório diretamente relacionado entre serem vistos como “pacientes, trabalhadores que geram renda” ou enquanto “artesãs e artesãos que aprendem a gerar renda” na Retrate. Queremos dizer aqui, no presente estudo, que os CAPS foram pensados como lugar de acompanhamento às pessoas em sofrimento psíquico, lá sendo realizadas diversas oficinas terapêuticas e expressivas. No entanto, são “feitos trabalhos manuais” que, não necessariamente para a venda, mas que geram renda para uma instituição onde a atividade humana é o fazer sentido, reconstruir a partir de sensações, memórias que recompõe histórias, lugares e pessoas.

Já havíamos salientado a importância de estudos que façam a distinção entre oficinas terapêuticas realizadas em CAPS e oficinas de geração de



trabalho e renda realizadas em iniciativas de geração de renda na saúde mental. No processo emancipatório, é necessário aprofundar aspectos relacionados à cidadania e direitos sociais.

Reni Alves, costurando a cortina, a construção de uma cortina trançada para aquela janela, entre dentro e fora, do processo de saúde e doença para a emancipação de cidadã do mundo. Com direitos e deveres, é preciso olhar para os avanços na inclusão pelo trabalho, considerando o tempo de cada pessoa e a construção desses tecidos que farão aquela cortina para a janela de qualquer lugar. É direito!

Na saúde mental de Pelotas, eu vejo uma grande saída que temos para o mercado de trabalho. **Do CAPS eles mandam para cá, uns ficam, outros se vão, quando vê, retornam.** Uma coisa que eu gosto aqui do Retrate, como trabalham com papel, tem a turma do papel reciclado, o que é muito bonito, a gente recebe muitas doações para fazer esse trabalho bonito (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O processo de reabilitação psicossocial é singular, nos CAPS são construídos os PTS's. Para tal, é importante considerar a flexibilidade que a terapêutica evoca com a pessoa, aquele que vai e vem, como a agulha na máquina de costura, você pedala com um pé e vai fazendo do seu ofício, sua arte de viver o presente, garantir o agora, sempre resistindo quando uma agulha quebrar ou perfurar demais o tecido nas curvas que fazes com as mãos levando o tecido sempre para frente, como era Reni Alves quando aprendeu a costurar e recriar tudo que concerne tessituras.

Tudo o que é doado é bem vindo, tudo a gente aproveita, até aqui na costura, quando tem uma sombrinha quebrada na rua, que porta carregador bonito a gente poderia fazer, porque não existe tecido desses na loja. As pessoas adoram com tecido de sombrinha, guarda-chuva, que, às vezes, estão enfiados no lixo. Quando a gente aqui de dentro acha um guarda-chuva quebrado, traz junto aqui para o Retrate, **tira o tecido e usa, dá para fazer almofada, dá para fazer bolsa e, a gente ajuda o meio-ambiente** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Em seus processos criativos e com a velocidade que a internet coloca sobre a comunicação entre redes de apoio, as redes sociais servem como busca de novas formas de reutilizar um utensílio como, por exemplo, um guarda-chuva, comumente utilizado em dias de chuva. A presente narrativa reforça como a criatividade e a reflexão sobre o mundo, de maneira geral pode potencializar a autonomia a partir de uma ideia que, do lixo, transformou uma bolsa, por exemplo, dando valor a qualquer lixo em potencial, retardando ou reduzindo danos ao meio ambiente.

Neste sentido, Naime (2015) atribui à economia solidária valores aos eventos sustentáveis, tais como aspectos sociais, econômicos e ambientais, onde o meio ambiente é valorizado juntamente o que se diz respeito à ecologia e cultura. Assim, a economia solidária é vista como uma produção sustentável. Deste modo, Layragues (2009), afirma que o movimento da economia solidária busca, através de alianças entre educadores populares, reverter o quadro de desigualdade social, exclusão social e concentração de renda.

Sim, como tem o reciclado, caixa de ovos, vem tudo para cá, é transformado em papel, páginas de caderno, como também, quem trabalha com papel de parede, com mostruário. As pessoas agora também têm vindo fazer a doação aqui para nós, então, as meninas dos papéis fazem capas lindíssimas que não existem em nenhuma livraria um caderno igual a aqueles ali, ele é único, especial (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Vindo para cá, quando estamos aqui dentro, queremos fazer de tudo um pouco, eu sou da parte da costura, mas eu gostaria de trabalhar no papel. **A gente progride na vida, tanto psicologicamente, como também financeiramente.** Eu já tenho o meu atelier de costura, tenho minhas coisas a pronta entrega. Faço peso para a porta, cobra para a porta, tudo isso eu não fazia quando eu era costureira, então eu faço coisas diferentes (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Destacar aqui o reconhecimento da Reni ao projeto de geração de renda realizado desde os primórdios. A oficina de papel reciclado é fundada em 2004 quando a Retrate iniciou sua construção identitária. Naquele período, existia uma terapeuta ocupacional, que fundou a Retrate. E como já vimos no capítulo “História narrada da Retrate”, a oficina mantém-se nos mesmos moldes daquela época em representação e memória da Marisa Gigante.

A memória forte da fundadora, transversaliza as relações, principalmente por se tratar de uma pesquisadora, também terapeuta ocupacional, que sempre acompanhou as iniciativas de geração de renda na saúde mental do estado, desde 2007. Difícil, assim, reconstruir a própria identidade enquanto pesquisadora, neste estudo, a memória forte é a escuta de narrativas transversalizando às identidades e transformando o presente, futuro de cada envolvido.

Aqui em Pelotas eu não sei se o Retrate é único, porque eu vejo só CAPS. Eu não sei se o dos CAPS poderiam ser mandados para o Retrate ou são mandados para o Retrate, isso aí eu não sei como funciona... (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Achavam que eu tinha condições psicológicas para encarar alguma coisa. Eu tenho meus filhos, meus filhos são casados, tenho meus netos, mas eu **não tive muita ajuda da família. Achavam “vai começar com as tuas frescuras, de novo”?! Mas nada é frescura, “fiasco”**, eu ouvi isso muito... Muitas pessoas, na família, o lado psicológico as pessoas não entendem. É uma doença, mas ela tem cura, existe remédios, terapias, existe o Retrate que é uma reabilitação, então tem, é só ir atrás e ser persistente. É bom a gente se sentir uma pessoa inteira, novamente, uma pessoa com cabeça no lugar (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Existe em Reni Alves um sentido de abandono e porque não dizer de estigma sobre a depressão. É preciso considerar que a depressão, historicamente, é banalizada, mas com o crescente número de pesquisas sobre o tema tem impactado pesquisadores de todo o mundo. Os índices de suicídio aumentaram no Brasil e os sintomas mais presentes são: conflitos familiares, abandono, maus tratos e principalmente doenças acarretadas pelo trabalho.

Segundo OMS (2017), região sul registra o suicídio com 23% dos dados de todo Brasil, registrando transtornos mentais como esquizofrenia, alcoolismo e isolamento social como principais perdas, entre elas a depressão, visto como um grave problema de saúde pública, relacionando aos problemas familiares (BRASIL, 2017).

Os estudos mostram que a depressão pode ser considerada para seus familiares apenas conflitos de ordem cotidiana. Um aspecto muito importante é a banalização acerca do tema, a banalização deste sentimento de sofrimento

intenso pode levar ao suicídio. Por muitas décadas, quase 60 mil pessoas morreram abandonadas e maltratadas em hospitais psiquiátricos brasileiros, como mostra a história do Holocausto Brasileiro da escritora jornalista investigativa Daniela Arbex (ARBEX, 2013).

Assisti a um filme no CAPS, mas naquela época as pessoas usavam a camisa de força, eu me depressei com o filme. Quem é internado, quando pode sair de lá vai para o CAPS, mas muitos retornam de novo, são hospitalizados de novo. Outros que já passaram, não querem nem saber de retornar. Não gostaram de ser confinados, se sentiram bem entrando no CAPS, lá a gente já tem trabalhos, tem muita coisa boa (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Por outro lado, Reni em sua fala anterior, demonstra conhecimento sobre a vivência das pessoas em sofrimento psíquico nas instituições manicomiais, que produzem a sociedade na lógica capitalista, assim vidas são atravessadas pela dor, sofrimento causado durante a internação no sentido presente. E a memória de trauma, pós internação.

Aqui, a narradora repete a voz de diversas pessoas em sofrimento psíquico que tem seus direitos violados pelas instituições e quantas delas são institucionalizadas com as internações sucessivas, mantendo-se refém das violações de direitos humanos.

Neste sentido, é lembrado que a garantia dos direitos humanos foi assumido pelo Estado brasileiro, além do compromisso em proteger principalmente as pessoas que sofrem transtornos psicossociais; tais pessoas que sofrem discriminação, lutando cotidianamente, sofrendo violação de direitos e enfrentando dificuldades para impedir as barreiras sociais (LUCENA, 2015).

Então, depois quando a gente vem para a reabilitação é melhor ainda. A vida é um eterno aprender, cada dia. **Aqui é uma terapia ocupacional, mas não como serviço de firma** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Mesmo sem estar presente naquele período de fundação da Retrate, Reni Alves possui uma representação simbólica sobre a Retrate. A memória do

passado, pode ser conversada no presente em qualquer momento que estejam dialogando sobre a reabilitação, trabalho e arte.

Já diante de Candau (2011), a profissão de terapia ocupacional pode ser essa memória forte, sobre o reconhecimento que a identidade da Retrate, transversaliza pessoas, lugares e diversos fazeres na perspectiva de gerar renda e produzir saberes que se cruzam no futuro e até mesmo nas possibilidades de reencontros.

Os termos liberdade, representam a proposta da RAPS, que exista a liberdade no percurso da própria existência. Deste modo, considerar o trabalho como um lugar somente de prazer é ilusório. Sabe-se que o adoecimento no trabalho causa atualmente distúrbios de ansiedade, estresse ocupacional e Síndrome de Burnout, e que até 2020 a depressão será a doença mais incapacitante do mundo, de acordo com a OMS (2017).

Podemos considerar Reni Alves como a narradora principal da Retrate, torna-se uma mulher guerreira, com a consciência sobre o processo de busca pelo trabalho humanizado e que, garante sua saúde e qualidade de vida.

Conforme a literatura (SADIR; BIGNOTTO; NOVAES; MARILDA, 2010), é preciso implementar programas que deem atenção ao estresse e à qualidade de vida das pessoas, tendo em vista as possíveis consequências decorrentes deste processo, como a saúde física, social e afetiva.

**Temos liberdade**, a gente pode conversar, conforme estamos aqui, a gente vai rendendo. Quando eu trabalhava fora achava cansativo, agora é cansativo, mas é gostoso. Tudo é trabalho, mas hoje eu tenho mais ânimo (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O poder hegemônico capitalista, compele nossos corpos, nossa mente e a nossa existência pela lógica do consumo. Diante deste, a produção do mundo capitalista repulsa os projetos de vida da narradora Reni Alves.

Eu já fui uma criança doente, porque quando eu tinha nove anos não ia pro colégio, apanhava, tinha medo, nunca soube explicar o que eu tive. **Sempre fui uma pessoa insegura, medo. Hoje é a doença do século, não é?** Isso é uma coisa muito importante, tudo tem que ir em frente, não pode parar, a luta tem que continuar. Isso é uma coisa que

sempre vai existir, sempre vai precisar. Sempre vai existir, mas eu acho que sim, pode! É o nosso direito! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O empoderamento da narradora, enquanto cidadã, artesã e trabalhadora da Retrate, permite dar sentido ao seu passado, logo na infância, remetendo-a sobre as percepções de si e ressignificando-as. Reconhecer seu passado como uma criança doente, reforça de certa forma as vivências no passado presente. O modo como vivemos atualmente na sociedade, nos restringe a olhar somente para o que está mais próximo, assim a narradora tem os traços fortes marcados pela memória de trauma. Memória de trauma pode ser considerada passado e presente, pois resistir para Reni Alves representa a realidade marcada pelas lutas.

Trabalho em feltro, que é com a professora Fernanda, é o artesanato. Tem a parte da costura e da reciclagem. Bom, eu sou da parte da costura, tudo é levado para a feira, juntamos as três partes e tudo é vendido na feira. Fazemos a escala de quem vai para a feira, tem a turma da manhã, tarde. **Dou nota mil para as nossas professoras, pela paciência, é inexplicável, por isso estou aqui até hoje. Estamos aqui para poder encarar o mundo lá fora e trabalhar** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Reni Alves relaciona-se bem tanto com Gracia, como com Fernanda, salienta que seu aprendizado é a construção dessa nova fase em sua vida. Momento este que, com todo cuidado, a narradora observa e potencializa a própria vida. Se antes existia uma janela à espera de uma cortina para entre dentro e fora observar, agora existe uma porta que abre e fecha e, neste vai e vem representa a possibilidade da autonomia para reconstruir novos desafios para o futuro.

Sim. Nós temos a Feira do Bem da Terra e do Fórum. Aqui no Retrate formamos um grupo, agora entrou muita gente nova, o pessoal é persistente. Éramos cinco pessoas, **a Retrate tinha duas barracas, a prefeitura não tem carro para nos levar** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Cabe destacar, que a narradora demonstra-se insatisfação quando lá do fundo da memória recorda momento em que foi necessário contar com a disponibilidade da gestão para se deslocar até a feira. Essa memória é bem marcada em todos os capítulos como reflexo da precarização no setor público, órgão este que poderia oferecer respaldo em eventuais necessidades.

Então aqui, nas assembleias decidimos que cada uma dá um real por mês e, desse dinheiro, pagamos um táxi. Lá no Bem da Terra, damos 50 % do que vendido para eles, na hora da feira tem uma senhora que recolhe. No Fórum pagamos cinco reais por feira, é um dinheiro que eles precisam para fazer o movimento deles (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Ao longo do processo também foram construídas alternativas para locomoção até feiras às quais a Retrate participa. Mostra que a unidade do coletivo, consiste em dialogar coletivamente e achar alternativas para as necessidades diante das demandas que vem emergindo com o crescimento da própria Retrate.

Reni Alves, traz a memória recente da última grande encomenda da Retrate que aconteceu em 2016.

Sim, através de vocês. A Larissa de Porto Alegre, se chama “Saúde-mental”, não é? Colabora para dar trabalho para o Retrate, **Fizemos 250 bolsas, gera renda para a gente** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Figura 3 – Retrate e a confecção de bolsas EcoBAG (2017)



Fonte: Acervo da Retrate, no processo de confecção de bolsas feitas para o XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional realizado em Porto Alegre (2017)

Figura 4 – Retrate e a confecção de bolsas EcoBAG (2017)



Fonte: Acervo da Retrate, no processo de confecção de bolsas feitas para o XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional realizado em Porto Alegre (2017)



Figura 5 - Tag para as sacolas EcoBAG (2017)



Fonte: Elaborado por Larissa Dall Agnol da Silva e Carmem Fonseca. Tag produzida coletivamente pelas iniciativas de geração de trabalho e renda da região macrometropolitana e da região sul do Rio Grande do Sul (2017).

O trabalho aqui trazido nas figuras anteriores foi compartilhado entre oito iniciativas de geração de trabalho e renda em saúde mental de regiões diversas do estado. No XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado na cidade de Porto Alegre, em 2016, foi apresentado vídeo da GeraçãoPOA com

todos os grupos que compuseram esse trabalho delicado e tão simbólico durante o presente estudo<sup>1</sup>.

Neste momento, a pesquisadora desloca-se da construção do projeto de pesquisa, para ação que, transversalmente nas tessituras da relação entre a Retratar e os demais empreendimentos envolvidos na confecção. As imagens 1, 2, 3, 4 e 5 do presente estudo, representam essa fusão entre a entrevistadora e suas narradoras e seu narrador.

Acontecem na última quinta-feira do mês, tem a reunião do Bem da Terra, do Fórum, as novas que querem saber, acompanham, se integram, é tudo bem organizado! Temos os aniversariantes do mês, temos o café da tarde que é bem reforçado (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

[...] Trabalhamos em conjunto nas feiras que fizemos. Aqui, cada um tem a sua sala de trabalho, mas também vendemos o que produzimos. **Não temos uma vitrine, mas temos uma janela, as pessoas tocam a campainha e a gente vende.** Aqui se faz coisas por encomenda também (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A Retratar possui uma janela que, ainda que com ou sem a cortina, transborda em artes e diante da mesma janela, podem ser observados os artesanatos e da vitrine os desejos comunicam-se pela campainha e pronto, você já pode conhecer a casa das artesãs e artesãos da nossa cidade. Sim, são cidadãos e cidadãos que tem através da janela o reconhecimento do trabalho já desenvolvido há quatorze anos pela Retratar. De acordo com Pâmela (2012, p. 93), naquela época, as oficinas eram divididas da seguinte maneira:

[...] enquanto uma fica responsável pelas oficinas de pintura em tecido e reciclagem de papel, a outra se responsabiliza pelas oficinas de costura, confecção de sacolas de papel, tricô, crochê e tear” (PÂMELA, 2012, p. 93).

---

<sup>1</sup> A produção compartilhada pode incluir a Retratar, considerando que a narradora Marisa Gigante fomentou junto a outras terapeutas ocupacionais a importância de fortalecer o contexto histórico do RS na quanto às iniciativas de geração de trabalho e renda em saúde mental. Este tensionamento refletiu na inclusão de Pelotas e São Lourenço do Sul na rede de confecção.

Outra proposta da saúde no trabalho é a possibilidade de crescimento e de agregar novos conhecimentos para a vida. Neste sentido a Retratar tem parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) para o desenvolvimento de diversos cursos. Cursos cuja memória da narradora é referida com astúcia no momento da entrevista. Em 2011, a Retratar estava recém iniciando a parceria com o SENAR (VOLZ, 2012).

Aqui nós temos cursos que o SENAR realiza, já tivemos de corte e costura, de panificação, doces, conservas, pintura em tecidos, são tantos cursos! Já fiz tantos que nem lembro mais, recebemos certificado e já vou encher uma parede. Não é destinado só aqui ao pessoal do Retratar, é realizado aqui por causa do espaço e sindicato rural (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

As dificuldades aparecem no início quando a gente vem para cá, por não conhecer, não sabe como vai ser. Eu sou da costura, mas aqui não vou fazer vestido sob medida como fazia, vai ser diferente. **Tenho a prática da costura, mas aprendi coisas diferentes** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Nestes resultados conhecemos a vida de Reni Alves, o que nunca mudou em sua vida é que esse amor pela costura é inerente a própria existência, assim, podemos considerar a construção de identidade da narradora dentro de uma sala de costura, o trabalho com saúde e prazer só foi possível acontecer quando aprendeu a fazer outras coisas ao costurar essa cortina para qualquer janela.

Aprender a lidar com o próximo, sempre temos medo ou não falamos, quando fala, fala o que não deve. Não sabemos em que estado emocional aquela pessoa se encontra, a gente tem que se manter, frear a língua. Estou aprendendo a cada dia, mas o mais importante é o respeito com o próximo. Fico preocupada, eu não queria que isso parasse. **Esse trabalho não pode acabar, porque sempre vai ter pessoas que precisam** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Durante todo estudo, ouviu-se falar em iniciativas de geração de trabalho e renda com garantia de incentivos, bem como financiamentos públicos para os projetos já existentes como parte da RAPS. Neste sentido é preciso ouvir mais

experiências como essa e histórias de vida como a de Reni Alves para que possamos construir políticas públicas mais consistentes na economia solidária.

Significativos todos são, o dia que eu fui acolhida aqui já foi um dia muito especial, me senti apta a fazer um trabalho. Que bom que eu vou poder trabalhar, tenho condições. Temos muito diálogo, o diálogo olho no olho é muito importante. **Estar aqui, de poder fazer essa entrevista, passar tudo isso é o momento significativo.** Eu falo por todos, inclusive aqueles que ainda não estão aqui. Tudo tem uma saída, a gente tem que acreditar nos dias melhores e começar a criar persistência (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

O resultado do presente estudo é também a oportunidade de seu testemunho ser contato para que outras pessoas possam se conhecer neste lugar de cidadania e inclusão pelo trabalho.

Para a narradora, os momentos mais significativos representam todo seu vivido. O presente, o passado e o futuro em consonância com as memórias existenciais e identitárias que transversalizaram sua vida a partir da Retratar.

Deus envia pessoas como anjos, nós temos muito apoio e querem o nosso bem, nos querem de volta no mercado de trabalho. O fim muitas vezes é o início de uma vida. Bom, eu quero deixar um carinho especial para a Larissa, a todos que vem aqui e nos visitam, todos são uma força para nós. Estamos tão bem, nossas portas estão abertas! **Aqui a gente tem condições de mudar! Vamos nos fortalecendo cada vez mais** (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

A narradora em questão, compreendeu o lugar da pesquisa e nessa perspectiva separa a relação entre entrevistadora e entrevistada nas ordens do afeto, construindo uma atmosfera que vai se rompendo na profunda conversa durante toda a entrevista.

Um espaço como a que a Retratar hoje é localizada, promove cidadania na vida das pessoas que têm suas vidas transversalizadas entre o adoecimento e a terapêutica na reabilitação psicossocial; entre a reabilitação, o trabalho e arte como possibilidade de viver no presente, novos aprendizados e no futuro garantir alguns domínios e habilidades.

A gente não pode desistir na vida, completei ontem 62 anos, perdi muitos anos na minha vida, mas tenho eles para viver agora, eles não estão perdidos, eu ganhei eles de volta. Tem coisas que a gente passa para poder mudar, **o sofrimento não é para sempre**. Então é bom levantar cedo e agradecer a Deus. Tem que colorir o dia! (Reni. Comunicação pessoal em entrevista em Maio de 2018).

Uma agulha quebrada nas mãos de Reni Alves, poderiam representar símbolos sobre seu estado de espírito? Seria possível a reconstrução diante de uma linha rompida? Como ficariam os nós para seguir essa costura minuciosa da cortina de sua janela? Como são presentes ainda que no futuro as memórias do vivido nos períodos em que era acompanhada pelo CAPS? Qual será sua maior potência a partir dos desafios desse novo costurar? Como costurar os tecidos, quais cores, formatos ou simetrias construirão seu futuro diante do infinito viver?

### **5.3.3 Considerações**

O CAPS Zona Norte e a Retrate estão presentes na vida da Reni Alves, caracterizam-se pelo processo de transformação no viver. Na atividade de costurar, tudo está em constante movimento, ou seja, o projeto de vida com a costura, como costurar diferente, com outra gente. Então, senta naquela máquina de costura e, enquanto Reni conversa, olha a vida pela janela, concentrada em linhas, agulhas, fios, pontos, tecidos e tudo que possa alinhar com harmonia seu viver.

Então, na sala de costura da Retrate, Reni se encontra emendando tecidos da sua própria vida e reconstruindo seu passado no presente com pertencimento, dignidade e cidadania, reconhecida nas feiras e pelos feitos, na pequenez do fazer humano, são perfeitos pontos de suas imperfeições costuradas cuidadosamente no dia-dia. Aquela mulher costurando, se empoderando enquanto outras mil estão sendo violentadas no Brasil.

Essa costureira esteve pelas ruas, foi acompanhada pela RAPS de Pelotas, vivificou os processos terapêuticos e hoje mesmo diante das dificuldades pessoais, se reconstrói diariamente como mulher, que vai ampliando as redes, conhecendo outras e colorindo-se na passagem pela Retrate.

Reni tem suas amigas e seus amigos na Retrate, ela os reconhece por outras realidades vividas que entusiasmam seu caminhar. Não é à toa, Reni Alves os comina por família, sente-se como se estivesse em sua própria casa, estabeleceu uma relação de solidariedade, o pilar principal desde outro lugar do aprender, chama-se Retrate, gerar arte, cuidado, renda, colcha, saúde, manta, cortina, acolhimento, enfim, gerar espaço onde as diferenças se fundem.